

Brasil é a situação mais difícil admite Rhodes

Dívida Externa

27 JUN 1987

MOISÉS RABINOVICI
NOSSO CORRESPONDENTE

Washington — O Brasil "é a situação mais difícil que enfrentamos neste momento", admitiu o vice-presidente do Citibank e presidente de vários comitês de renegociação da dívida latino-americana, William Rhodes, ao participar, na manhã de ontem, em Nova York, da conferência sobre a estratégia global da dívida, organizada pela revista "Euro-money".

Rhodes também disse que os bancos estão dispostos a conceder novos empréstimos aos países que se auto-ajudam, adotando programas de ajustamento estrutural, numa linha muito próxima "à do discurso feito um pouco antes, em Genebra, pelo diretor-executivo do FMI, Michel Camdessus.

Rhodes revelou-se otimista diante do Novo Plano Cruzado. "O Brasil mostrou sua capacidade de promover rápidas mudanças econômicas, notavelmente em 1983 e 84", acrescentou que a nova equipe econômica está agora completando seu programa que já rendeu um aumento no saldo positivo da balança comercial.

William Rhodes dedicou uma ênfase especial à presença das delegações do FMI e do Banco Mundial no Brasil. Afirmou que a equipe de

Bresser Pereira "manifestou a decisão de reabrir negociações sérias e de reunir-se com os bancos credores em fins de julho".

Os bancos comerciais "têm sido acusados de não emprestarem mais dinheiro. Isto não é verdade. México, Argentina e Nigéria pediram, os bancos responderam. US\$ 7,7 bilhões foram concedidos ao México. A Nigéria recebeu também seus empréstimos. E o pacote argentino encontra-se agora numa fase de finalização, com US\$ 1,95 bilhão em novos créditos. Estes programas indicam que os bancos se dispõem a conceder novos empréstimos para ajudar os países que estão ajudando a si próprios, com ajustamentos estruturais. Acho que a Argentina merece o apoio de seus credores ao alcançar um progresso econômico considerável, devido, em grande parte, à coragem política do presidente Raul Alfonsín.

O vice-presidente do Citibank e presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, não concordou com a proposta do "guru de Wall Street", Henry Kaufman, que sugeriu anteontem um perdão para uma boa parte dos US\$ 300 bilhões da dívida latino-americana. Isto só reduziria os fluxos de capital dos países endividados, ele disse. E acabaria com os incentivos para as reformas estruturais necessárias.